

# Saber fintar o real

José Cardoso Pires

**A**s vezes, enquanto lia este romance, era como se sentisse o autor a olhar-me por detrás das frases. O rosto apenas, parado e vigilante e com aquela brancura silenciosa com que Lobo Antunes nos escuta no dia-a-dia.

Seria como que um rosto impreso a água no papel, digo eu agora, um medalhão esfumado, uma marca de contraste, e por cima dessa imagem corria a escrita em vendaval. Páginas e páginas de averbações e de contensão, o sorriso que dói, a imprecisão, a aventura de narrar em sacrilégio e em risco aberto, a descrição *ad libitum* em caudal e em gume ardente — tudo, ah sim, tudo o que torna única e blasfema a voz de um romancista assim, coroada por polissemias perturbadoras,



António, Antunes, gritam, um para outro, dois personagens a meio dum capítulo deste Tratado das Paixões mas, atenção, nada de juízos precipitados, António e Antunes são apenas personagens de António Lobo Antunes, nada mais, tratou-se apenas de um desvio calculado, e o autor continua no seu medalhão ausente, arguto e vigilante por detrás da

escrita, do registo em caudal. Porque importa que se saiba que neste livro de Paixão e Morte o Eu nunca é primeira pessoa mas uma das múltiplas faces do jogo das complicitades, e, porra, como diria uma das figuras do romance, a complicidade aqui, feitas as contas, não é mais do que o compromisso testado pela morte ou o ácido dos lençóis do amor possível — o ácido, imagine-se — o fermento das convertidas solitárias que habitam esta história, passeando-se por desiludidas pastelerias de bairro a arejar a celulite, e que, ao dobrar do equinócio, acabam por transferir as carências afectivas pela contestação revolucionária, coisa que, afinal, é mezinha em que até caem as mais sabidas, *capisce?*

Raro ou talvez nenhum romance português se jogou com tão extrema violência na destruição das relações objectivas como o **Tratado das Paixões de Alma**. Passado e História recente confrontam-se em conflitos-limite; atravessam o sonho da liberdade

em pesadelo assassino e o real assume-se fantástico, não através da poesia e do suporte fabular como se fez depois da lição de Gabriel Garcia Márquez, mas através duma ordenação pessoalíssima de dados e de acontecimentos implacavelmente objectivos. Hiper-realismo? Sim, talvez lhe possa chamar assim pela caracterização, minuciosa até à abjecção, da humanidade que descreve. Na realidade, estou em crer que o que em primeira mão seduzirá (ou retrairá) os leitores do romance é o terrível grotesco, a paixão alucinada, o carnaval felínico, digamos assim, em que se movimentam estes desesperados.

Fellini, pois, não me levem a mal. Os monstros da infância, a presença onírica e outros acentos tónicos de Fellini podem certamente ser evocados em paralelo divergente na leitura deste Tratado. Mas aqui a humanidade em foco tem uma outra violência visual, uma outra densidade dramática e o discurso, ferozmente informado quer literária, quer

factualmente, cobre o concreto e o real com vários ecos simultâneos de memória e de delírio, de renúncia e de humor.

Humor, disse eu. O humor é uma constante muito pessoal de Lobo Antunes; institui-se como sublinhado dos títulos dos seus romances. Mas neste, essa carga afirma-se particularmente corrosiva, quer-me parecer, porque nele a Paixão da Alma é de facto o manto enganador que envolve a complicidade em capítulo de morte. Complicidade, insisto. Entre o preso e o juiz de instrução há a comunhão da infância a condená-los, entreos revolucionários delactores há o passado recusado como incitação ao combate e depois à resignação, entre os amantes guerrilheiros há a cumplicidade da morte.

Morte e infância, as fronteiras são essas — é entre esses dois limites cúmplices que dois adversários-irmãos se estudam e se perseguem. O medo está presente, sim, o medo é já um respirar natu-

ral mas anula-se em vertigem à medida que a derrota final se aproxima. E a coragem? A coragem não será agora a maldição cega do desespero e o amor a pausa enganadora do destino irrecusável dos condenados?

Claro que toda esta multiplicidade de relações e de sentidos decorre da admirável ousadia com que Lobo Antunes articula a narrativa numa conjugação conflituosa de tempo, espaço e de vozes plúvias. E neste livro em termos ainda mais surpreendentes do que nunca, penso eu. Sim, aqui a história como que desponta do esrilo, apetece dizer. A gente lê-a e percebe que, afinal, o sortilégio desta maneira de contar está no saber fintar, em frase cega, sábia e desenvolta, o real que se nos apresenta como verdade ou evidência.

Só isso? Não sei. O que se é que, com Lobo Antunes, descobrimos que a beleza, por pudor, se reveste muitas vezes de maldição. Pomos o toque na ferida e abre-se uma rosa, e onde está cegonha temos anjo.